

CAIL é nosso, esperamos por ele/1

CORRECÇÃO DE ERROS NA ORGANIZAÇÃO E MÉTODOS

1/3/82 N.

— uma exigência que se coloca

por Mariano Adamo (texto) e Isidro Pascoal (fotos)

Primeiros passos para a longa caminhada, a ser feita para alterar o estado de coisas que, até fins de Janeiro último, se vivia no CAIL no que se refere particularmente ao tratamento da maquinaria agrícola, estão já a ser dados. Pretende-se com esta acção fugir, como o Presidente Samora Machel caracterizou, ao «relaxamento total que se reflecte no abandono total da maquinaria».

O CAIL, maior complexo agro-industrial do País, creceu impetuosamente em todos os aspectos: no seu tamanho, no número de trabalhadores e na quantidade de equipamento agrícola. O investimento ali feito em recursos humanos e materiais não foi acompanhado por um crescimento em termos de direcção e de organização, com deficientes métodos de trabalho e com uma ausência de uniformização de critérios laborais e salariais. O enquadramento político e social dos trabalhadores e da população também é fraco, sendo esta talvez uma das razões de base para que o CAIL não atinja os resultados que dele se esperavam e se esperam.

Particularmente em relação aos instrumentos de produção, sector sobre o qual iremos debruçar-nos neste trabalho, até há cerca de um mês estavam a ter um tratamento que não permitia tirar deles o proveito que em outras condições seria possível.

Tomar aquele Complexo o verdadeiro Celeiro da Nação, através do qual será possível contribuir para satisfazer minimamente o povo em termos de alimentação, foi a razão principal que levou o Partido e o Governo a realizarem altos investimentos naquela grande unidade de produção. E também a razão fundamental da intervenção do Partido e do Governo para corrigir, quanto antes e urgentemente, erros graves e prejudiciais à economia nacional.

Num contacto que a informação teve com trabalhadores e responsáveis do CAIL, que lidam directamente com a maquinaria, foi possível auscultar alguns dos motivos que, em sua opinião, estão na origem daquela situação.

O trabalhador faz porque alguém o mandou fazer. Está à espera das ordens do chefe, nunca toma a iniciativa. Não se ensinou ao trabalhador, o significado e o quanto custa ao povo colocar uma auto-combinada ou um

tractor numa unidade de produção daquele género.

Sobre o tratamento da maquinaria, de Carlos Júlio Stêl, um dos trabalhadores com quem falámos, registámos a seguinte afirmação:

«Durante dois meses, nós, operadores, que somos também tractoristas, trabalhamos com auto-combinadas na ceifa do arroz. Mas concluímos este trabalho em Agosto, aproximadamente, arrumámos as máquinas e pegámos logo no tractor, para nós empilharmos na lavoura. Não há tempo a perder, porque o período da lavoura chegou e é necessário assegurar que o arroz se semeie a tempo. E por essa razão que arrumámos as auto-combinadas no parque, tal como elas chegam do campo, e damos as mãos a outras actividades.

Aquele trabalhador, que é jovem, pegou, pela primeira vez na vida, numa máquina agrícola no CAIL. Muitos ou-

tros, que interrogámos, também nos deram esta explicação como a razão principal para que as máquinas fiquem meses e meses à chuva e ao sol, tal como vêm do campo ainda cheias de lama e com muita sujidade.

De acordo ainda com declarações dos trabalhadores, as lavouras iniciadas após a ceifa terminada em Agosto, prolongam-se até fins de Janeiro.

«É nessa altura que iniciamos o trabalho de revisão das auto-combinadas. Não temos um sistema eficiente de lavagem da maquinaria. Por isso é que ela é feita com baldes de água e isso não permite tirar toda a sujidade acumulada ao longo dos dois meses de ceifa — disse ainda aquele operador.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Os técnicos da «FORTSCHRITT», empresa da RDA fornecedora das auto-

-combinadas, chegam ao CAIL em Novembro, com o objectivo de proceder à revisão da maquinaria, preparando-a desta forma para a campanha seguinte da ceifa.

Estes técnicos, conforme o acordo assinado com a empresa que representam, têm também como função zelar pelo funcionamento da maquinaria durante os dois anos, período definido como garantia para as mesmas.

Sucedê, porém, que o trabalho dos técnicos da «FORTSCHRITT» só começa efectivamente em Janeiro, altura em que regressam os operadores das lavouras, pois é uma acção que deve ser desenvolvida em conjunto pelos técnicos, mestriños estrangeiros e pelos operadores.

OUTRA RAZÃO DO DESGASTE

O sistema de trabalho na oficina é diferente do que se utiliza no campo e, consequentemente, a remuneração é também diferente. Na oficina, o trabalhador tem um horário normal, idêntico ao de um funcionário público.

No fim do dia de trabalho de manutenção das máquinas, o operador regista um vencimento de 80,00 MT, que é pago no fim do mês, tal como sucede no campo.

Entretanto, no campo, o trabalho tem as suas particularidades e é controlado.

«O responsável atribuiu-nos uma determinada porção de terra, para lavarmos durante todo o dia, e por esse trabalho pronto registamos igualmente 80,00 MT. Contudo, ali o vencimento depende essencialmente do trabalho que fizermos, pois, se apresentarmos mais do que nos tiver sido solicitado, ganhamos também mais. E, como necessitamos de aumentar a receita mensal, sempre que nos é possível, lavamos mais» — revelou-nos Josefa Sambane, outro operador.

Foi opinião expressa por muitos dos operadores, com quem falámos, que este sistema de trabalho desgasta as máquinas, mais o seu procedimento, ou seja, a execução de mais trabalho do que lhes é exigido num dia no campo, resulta da necessidade que têm de no fim do mês auferirem um vencimento mais alto.

A intensidade do trabalho no período

do da lavoura faz com que, durante o dia, os tractores tenham que fazer 22 horas de trabalho. Assim, os trabalhadores são divididos em dois turnos.

O primeiro turno começa às cinco e termina às 16 horas. A máquina para durante uma hora, altura em que se faz a mudança de óleos e outras pequenas reparações para permitir que o



Um grupo de operários manuseando maquinaria

tractor reinicia a sua actividade às 17, num outro turno que se prolonga até às quatro horas do dia seguinte.

Desta feita, a máquina só está parada por dia durante duas horas. Isto constitui um grande esforço para as máquinas e há consciência disso, mas, tal como referiram os nossos interlocutores, é uma necessidade porque as metas têm que ser cumpridas.



Operador Josefa prestando declarações à nossa reportagem